

AUDIOLIVRO A BELA ACORDADA: UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO
PROFLETRAS – UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Neuza Jorge Rodrigues
Orientadora: Dra. Lígia Pereira dos Santos

A escola é um lugar de aprendizado e de vivência. Nesse ambiente, formam-se grupos, criam-se laços de amizades. Contudo, nesse mesmo local que, muitas vezes, ocorrem atitudes preconceituosas veladas ou declaradas. Uma dessas posturas revela-se com os portadores de deficiência visual, que, muitas vezes, são excluídos de várias atividades realizadas em sala de aula, pois, na maioria das vezes, o contexto escolar não possibilita que o (a) professor(a) flexibilize o currículo para atender as necessidades do aluno, bem como proporcionar-lhe uma aprendizagem significativa.

Para Carrara (2009), a escola não é o único local em que os estudantes aprendem, mas é o lugar em que há um diálogo aberto sobre as diversas temáticas e o discurso escolar é visto como verdadeiro, pois assume caráter “científico.” Assim sendo, é necessário que a sala de aula seja um espaço que contemple o ensino colaborativo, permitindo ao educando aprender a conviver com as diversidades, bem como possibilitando que o estudante com deficiência visual ganhe autonomia no processo de ensino e aprendizagem e aprenda a aprender. Por outro lado, deve proporcionar o desenvolvimento de habilidades para a inserção do mesmo no mercado de trabalho.

Para isso, é necessário que o professor possua uma formação adequada para trabalhar com os alunos, sendo o intermediador de situações de ensino e aprendizagem e utilize os diversos recursos da tecnologia assistiva disponível, como por exemplo, computadores com softwares capazes de fazer leitura de uma tela ou monitor para um aluno cego.

Apesar de existir um razoável aparato legal que garante os direitos das pessoas com deficiência visual, sabemos que a realidade das escolas brasileiras com salas de aulas superlotadas e a falta de infraestrutura impossibilita que o professor desempenhe bem o seu papel.

Nesse cenário, é comum ouvir na sala dos professores reclamações e justificativas para as dificuldades cotidianas de trabalhar com deficientes visuais: “os professores não têm um curso de formação para lidar com tantas diferenças”, “Não temos tempo de elaborar atividades para os alunos “normais”, imagine para os deficientes visuais”, “trabalhar com alunos portadores de deficiência visual é complicado, pois não sabemos o Braille”, entre outras.

¹ Professora da rede pública da Paraíba, especialista em Literatura e Estudos Culturais – UEPB e em Novas Tecnologias na Educação – UEPB, Mestranda do PROFLETRAS/UEPB, Campus II, professora da rede Estadual de ensino /PB. E-mail: Neujor12@yahoo.com.br

² Professora da UEPB.

Assim, indagamos como proporcionar um ensino significativo para as pessoas com deficiência visual; quais seriam as ferramentas facilitadoras do ensino e aprendizagem; o audiolivro é um recurso didático adequado para o ensino de leitura e interpretação das pessoas com deficiência visual. A partir dessas interrogações, surgiu a necessidade desta pesquisa, visto que permitiu abrir mais um espaço teórico em que se pudesse falar e construir arcabouços reflexivos sobre o ensino significativo para pessoas com deficiência visual.

Para a realização desse estudo, efetuamos um levantamento bibliográfico, na perspectiva de nos inteirar das obras científicas que abordam a temática em estudo. Em seguida, agendamos e realizamos visitas in loco para conhecer e contextualizar o ambiente da pesquisa. O método de pesquisa empregado foi a pesquisa-ação no qual procuramos compreender, explorar, descrever e intervir nas atividades elaboradas e propostas a partir do uso do audiolivro, intervindo no contexto em estudo.

Para atingir os objetivos, aplicamos a sequência didática elaborada a partir do audiolivro *A Bela Acordada* de autoria da professora Ligia Araújo, buscando averiguar o potencial do texto como ferramenta de ensino e leitura para pessoas com deficiência visual. Bem como, se constitui como um recurso eficaz no ensino das turmas iniciais do ensino fundamental do Instituto dos Cegos, localizado na cidade de Campina Grande – PB.

Para isso, sistematizamos o assunto pesquisado em leitura de teóricos como Perrenoud (2000), Menezes (2008), Medeiros (2010), Rodrigues e Maranhão (2010), entre outros; com a finalidade de fundamentar as discussões acerca das contribuições do audiolivro como meio propiciador de aquisição, atualização e ampliação do saber. Por último, elencamos as considerações finais, reiterando a notoriedade do uso das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem na sociedade contemporânea.

Por fim, esperamos que o conhecimento desta problemática sirva não apenas para descrever um foco da realidade representada, mas também para compreendê-la e apontar caminhos que sirvam de revisão das posturas adotadas diante das diversidades existentes em sala de aula.

AUDIOLIVRO: UMA FERRAMENTA DE INCLUSÃO

Durante muito tempo, as pessoas com deficiência visual ficaram à margem dos processos social e digital. Hoje, graças às tecnologias da informação e do conhecimento, esse cenário vem se modificando, permitindo que o deficiente visual interaja com os diversos segmentos da sociedade,

bem como ser um construtor da sua aprendizagem, capaz de compreender e intervir em sua realidade, possibilitando sua inclusão que segundo Menezes (2008) significa:

Inclusão social, para um cidadão, significa estar incluído nas atividades socioeconômicas de seu país, ter desenvolvimento educacional, acesso às novas tecnologias da informação e do conhecimento, para uma ação participativa junto à sua comunidade.

Nesse processo de inclusão, é imprescindível que a pessoa com deficiência visual conheça e manuseie recursos tecnológicos, tais como, a impressora Braille, o Audiolivro, os celulares, os computadores com o sistema operacional Dosvox. Dessa maneira, o acesso aos instrumentos de comunicação e informação servirão aos processos de mediação permitindo desenvolver habilidades necessárias para aprender a aprender numa perspectiva do aprendizado pela experiência e busca ativa do conhecimento.

AUDIOLIVRO: UM POUCO DE HISTÓRIA

Sabemos que as mudanças tecnológicas modificaram as maneiras de ler e armazenar informações e, que, despontamos dos registros feitos em vegetais, animais e minerais para as notas em bytes.

Nesse contexto, até a Idade Média a leitura estava ligada ao ato de falar em voz alta. Com o passar do tempo, essa relação de leitura e voz foi desvinculada. E, após a primeira guerra mundial, algumas obras literárias e teatrais passaram a ser gravadas com o intuito de entreter soldados que perderam a visão nas batalhas.

Todavia, essa ferramenta passa a ser utilizada, também, por pessoas que não possuem tempo para ler textos impressos. Nos Estados Unidos, por exemplo, esse tipo de leitura popularizou-se desde a década de 80 e, hoje, possui o maior mercado de audiolivros.

Já no Brasil, há poucos títulos publicados e também é visto, principalmente, como uma ferramenta de auxílio para os deficientes visuais. Além disso, há poucos estudos do mesmo como uma ferramenta de ensino e aprendizagem.

O audiolivro é um recurso dinâmico e de fácil acesso dada a sua estrutura que envolve a leitura dramatizada do texto juntamente com efeitos sonoros, fundo musical. É um componente instigante no processo de ensino e aprendizagem e uma das alternativas para o ensino de leitura com

alunos com deficiência visual. PALETA, F.A. C, *et al*, destaca, dentre outras, as seguintes vantagens do uso do audiolivro:

- Pode ser usado em situações nas quais a leitura não é possível, e por pessoas com deficiência visual;
- São muito versáteis, permitindo que o usuário realize “multitarefa”, enquanto ouve;
- Devido à possibilidade de interpretação, em determinados trechos, o áudio é muito superior ao livro impresso, pois consegue dar ao ouvinte a dimensão exata das técnicas sugeridas;
- Ler em voz alta para as crianças é uma das atividades que mais ajudam a desenvolver a habilidade de leitura. Ouvindo um livro falado, as crianças ampliam o vocabulário, aprendem entonação, pronúncia e, principalmente, têm contato com o universo da literatura de uma forma lúdica e agradável.

Quando 01- Diferença da capacidade de armazenamento dos suportes em relação ao livro em Braille

SUPORTE	TEMPO MÉDIO DE APRESENTAÇÃO	OBRAS
LIVRO EM BRAILLE	Situação relativa devido à praticidade do leitor diante da escrita Braille.	Quincas Borba , livro apresentado em 7 partes sob a escrita Braille.
FITA K7	60 min. para cada lado, o equivalente ao tempo mínimo de apresentação de 120 min. por fita.	Dom Casmurro , livro apresentado em 8 fitas K7. O equivalente a média de 960 min. para apresentação.
CD-ROM	80 min. de apresentação definida pela capacidade do suporte.	Quincas Borba , livro apresentado em 9 CD-ROM, o que significa uma duração de 720 min.
MP3	Utiliza como suporte um CD-ROM de 80 min. Mediante a compactação do arquivo, a apresentação de 3 ou 4 livros pode ser realizada em um único suporte e seu período de apresentação será maior que 80 min. Permite fácil manuseio, mobilidade e ocupa menos espaço nas estantes.	Série Para gostar de ler, Coleção Sérgio Milliet. Contém 3 títulos em 1 único CD e sua duração é bastante relativa.

Evidencia-se, neste contexto, que o audiolivro pode ser uma ferramenta para produzir aulas criativas e dinâmicas. Além disso, o mesmo preenche uma lacuna no ensino e aprendizagem de leitura para os deficientes visuais, uma vez que, há poucos títulos em braille disponibilizados nas bibliotecas e escolas. De acordo com Meneses (2008), é necessário observar a formação de novos leitores com a relação das maneiras de armazenar e os suportes tecnológicos disponibilizados (Ver quadro 1)

Pelo exposto, escolheu-se utilizar o audiolivro A Bela Acordada de autoria da professora Ligia Araújo, nas turmas do 4º ano do ensino fundamental do Instituto dos Cegos, localizado em Campina Grande, Paraíba.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia dessa pesquisa tem natureza qualitativa e é caracterizada como pesquisa-ação, já que visa a promoção de ações transformadoras dentro da própria sala de aula, ou seja, permite produzir informação e conhecimento de uso mais efetivo e a compreensão dos processos que estruturam a prática docente. Como afirma Kemmis e Mc Taggart 1988, apud Elia e Sampaio, 2001, p.248.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa.

Considera-se a pesquisa ação um processo interativo entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, o qual possibilita a reflexão e, a partir da mesma, remete a uma nova ação.

CONTEXTUALIZANDO O AMBIENTE

O Instituto dos Cegos, idealizado pelo professor José da Mata Bonfim, está localizado em Campina Grande PB. O órgão foi criado no ano de 1952, com o intuito de promover a escolarização e a inclusão no mercado de trabalho de pessoas cegas ou com baixa visão. Conta com o apoio de alguns órgãos públicos e privados, bem como a ajuda da sociedade campinense e oferece aos associados, desde o apoio pedagógico para o ensino fundamental até a musicalização.

A instituição atende, atualmente, cerca de 180 pessoas cegas ou com baixa visão. Lá, o assistido tem a possibilidade de aprender o Braille, manusear o computador, aulas de karatê, dentre outras atividades.

Para a realização dessa pesquisa, realizou-se visitas in loco no mês de outubro de 2012 com a finalidade de observarmos o ambiente e mantermos contato com a diretora do Instituto dos Cegos Adenize Queiroz de Farias, as professoras Neuza e Maria José e os alunos. Oportunidade na qual nos permitiu ter a real noção da estrutura física e pedagógica disponibilizadas para os assistidos pelo Instituto dos Cegos.

Feita a coleta dos primeiros dados, passamos ao planejamento das atividades a serem desenvolvidas posteriormente.

SELEÇÃO DA FERRAMENTA PEDAGÓGICA

É do conhecimento de todos que no Brasil há diversos recursos didáticos disponibilizados para o ensino de pessoas com deficiência visual, tais como, reglete, Dosvox, livro adaptado. Esses recursos visam integrar o aluno com deficiência, permitindo-o participar das atividades proposta em sala de aula.

Ainda convém lembrar que para a inserção do deficiente visual na sociedade é necessário que estes desenvolvam diversas habilidades, dentre elas, falar e ouvir, ler e escrever. Como afirma Sá (2007, p. 21):

A linguagem amplia o desenvolvimento cognitivo porque favorece o relacionamento e proporciona os meios de controle do que está fora de alcance pela falta da visão. Trata-se de uma atividade complexa que engloba a comunicação e as representações, sendo um valioso instrumento de interação com o meio físico e social. O aprimoramento e a aplicação das linguagens oral e escrita manifestam-se nas habilidades de falar e ouvir, ler e escrever.

O Instituto dos Cegos disponibiliza para os seus alunos aula de Braille, permite que esses aprendam a manusear o computador através do programa leitor de tela com síntese de voz o Dosvox; o que possibilita a aquisição de um alto grau de independência no estudo e no trabalho. Oferece, também, diversas oficinas de música e esporte.

Entre as diferentes ferramentas disponíveis para facilitar a aprendizagem dos deficientes visuais, optamos por trabalhar com o audiolivro, pois permite uma prática inovador, uma vez que é também um recurso que permite a ampliação do conhecimento das pessoas com deficiência visual de um modo autônomo, bem como ao desenvolvimento de habilidades de “leitura” e compreensão de texto, conforme defendem Menezes e Franklin (2007, p. 5):

Conhecido no mercado nacional e internacional, o audiolivro, há anos, contribui com a educação inclusiva de pessoas com deficiências visuais, resgatando ou formando leitores, incentivando a leitura auditiva, o entretenimento e a cultura, para quem ouve e para quem se faz ouvir.

Por outro lado, são inegáveis as situações de exclusão vivenciadas pelas pessoas tidas como diferentes, seja pela cor da pele, orientação sexual, limitações físicas, bem como da falta de

modelos de personagens na literatura, nos programas televisivos, nos cinemas que representem essas minorias excluídas e/ou marginalizadas. Por essa razão, optamos por trabalhar com o audiolivro A Bela Acordada produzido em 2012 para a realização desta pesquisa.

A BELA ACORDADA

A obra A Bela Acordada conta a estória de Pérola Negra, uma menina linda, atenta, de pele negra e cabelos encaracolados. Seus pais, Topázio e Esmeraldo, eram reis na África e desejavam muito ter um bebê.

Um dia, esse desejo foi realizado. A menina crescia em graça e sabedoria. Certo dia, a rainha Esmeralda teve um pesadelo horrível, no qual a África era invadida pela maldição da escravidão. Quando acordou, contou o sonho ao rei que falou que era apenas um pesadelo.

Todos os anos era feito uma festa para comemorar o aniversário de Pérola Negra, o qual contribuía para que a rainha esquecesse até o pesadelo, mas, de repente, chegou à maldição da escravidão. O rei e a rainha foram assassinados. Os negros e negras, sobreviventes, foram acorrentados, enquanto outros foram separados de suas famílias, viajando, durante meses, acorrentados em navios negreiros até chegar ao Brasil.

Chegando ao Brasil, Pérola Negra e os demais negros e negras foram morar em senzalas e obrigados a trabalhar de sol a sol. Com fome, misturaram feijão preto com restos de carne de porco para se alimentarem. A Bela Acordada observou que o povo branco após comer a feijoada ficava com sono. E teve uma grande ideia, preparou a receita e colocou ervas de adormecer.

As pessoas de pele branca comeram e, depois, adormeceram. Aproveitando a situação, fugiram e muito longe dali formaram o quilombo; lugar onde continuaram a luta pela preciosa liberdade.

. AUDIOLIVRO: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Mesmo tendo visitado o Instituto dos Cegos para (re)conhecer o ambiente e os sujeitos envolvidos na pesquisa, várias dúvidas e receios surgiram minutos antes do primeiro encontro para iniciar-se as aulas e aplicar-se a sequência didática planejada, visto que eu como profissional da educação, nunca havia me deparado em situações de ensino e aprendizagem com alunos com deficiência visual, nem na graduação tinha estudado teorias e práticas para esse contexto de ensino.

Estava, então, diante de um novo desafio contando como bagagem teórica as aulas da disciplina Tecnologias e Educação Inclusiva, oferecida na especialização de Novas Tecnologias na Educação (UEPB), na qual realizamos uma visita a AEE de uma escola da rede municipal de Campina Grande, a APAE e ao Instituto dos Cegos.

PRIMEIRO ENCONTRO

Iniciou-se a aula com uma conversa para averiguar-se o conhecimento dos alunos sobre a estória da Bela Adormecida. Em seguida, realizou-se algumas perguntas para observar se os estudantes conseguiam perceber que os contos de fada sempre apresentam príncipes e princesas brancos, bonitos, pertencentes à famílias abastadas, cuja narrativa destaca a princesa sempre esperando ser resgatada pelo príncipe forte, corajoso e destemido.

Como os alunos conheciam a estória e também as características dos personagens que sempre aparecem nos contos de fada, dissemos que iria-se apresentar uma princesa diferente, esperta, que não era de ficar esperando o príncipe vir salvá-la, além de não ser branca. Todos os alunos ficaram curiosos, perguntaram como era esta princesa. Em seguida, colocamos o audiolivro para que pudessem conhecer o texto A Bela Acordada.

Terminada a audição da estória, nos surpreendemos com algumas perguntas que para nós eram simples e jamais desconfiou-se que surgiriam como, por exemplo, o que é um barco?; Como é um barco?; Ele fica onde?. No momento que essas perguntas surgiram para inteirá-los do que seria, ou seja, respondê-las, improvisou-se um barco de papel que foi explorado, “visto” pelas mãos dos alunos presentes.

SEGUNDO ENCONTRO

Após o primeiro encontro, percebeu-se que desconsideramos algumas particularidades do ensino para pessoas com deficiência visual, visto que elaborou-se as informações considerando os padrões de experimentos visuais, deixando-os em situação de desvantagem. De acordo com Sá (2007, p. 16):

Cada pessoa desenvolve processos particulares de codificação que formam imagens mentais. A habilidade para compreender, interpretar e assimilar a informação será ampliada de acordo com a pluralidade das experiências, a variedade e qualidade do material, a clareza, a simplicidade e a forma como o comportamento exploratório é estimulado e desenvolvido.

Por esse motivo, decidiu-se elaborar atividades que priorizassem os sentidos remanescentes, propiciando um aprendizado significativo e real a partir de experiências concretas. Assim, criou-se uma atividade que possibilitasse a exploração e o domínio de ideias-chaves para a compreensão do Audiolivro A Bela Acordada. Pois, concordamos com Sá (2007, p. 21), quando afirma:

Para que o aprendizado seja completo e significativo é importante possibilitar a coleta de informação por meio dos sentidos remanescentes. A audição, o tato, o paladar e o olfato são importantes canais ou porta de entrada de dados e informações que serão levados ao cérebro. Lembramos que se torna necessário criar um ambiente que privilegia a convivência e a interação com diversos meios de acesso à leitura, à escrita e aos conteúdos escolares em geral.

Então, confeccionou-se e conduziu-se para a sala de aula uma maquete do quilombo, além de um barco de madeira, um chicote, uma corrente, para sanar as lacunas deixadas no encontro anterior, no qual vivenciou-se experiências baseadas em situações visuais.

TERCEIRO ENCONTRO

Após retomarem-se as ideias-chaves do audiolivro com a utilização de objetos concretos para serem explorados pelos alunos, pediu-se que os estudantes tocassem para perceber as diferenças de altura, peso e do cabelo.

Em seguida, iniciou-se uma exposição dialogada, objetivando refletir a respeito das diferenças existentes, perguntando, por exemplo: Como é o cabelo de Eduarda? E o Cabelo de Rafaela? E o de Paulinho? São todos iguais?

Com essas indagações, construiu-se a ideia de que somos iguais, porque somos humanos, mas apresentamos algumas diferenças, seja na altura, no peso, na fibra dos cabelos, entre outros. A aula teve um clima de descontração e brincadeira, todos queriam participar e expor seu pensamento. A aprendizagem aconteceu de uma maneira lúdica.

O objetivo dessa aula era evidenciar que a limitação na visão, a qual eles possuíam, era apenas mais uma das diferenças possíveis de existir e que o fato de ser diferente não implicava a exclusão de uma aprendizagem significativa. Bem como, enfatizar a necessidade de o contexto escolar oferecer atividades para a compreensão e o respeito das diferenças existentes sejam quais forem; disseminando a ideia da convivência pacífica e harmoniosa entre os seres humanos.

QUARTO ENCONTRO

Tendo trabalhado o conceito das diferenças existentes, retornou-se o trabalho com o audiolivro A Bela Acordada para reforçar o perfil diferente da heroína que além de ser negra era muito esperta e ativa, não ficava aguardando que o príncipe surgisse para resolver os seus problemas. Para isso, conduzimos a turma para a sala de informática do Instituto para ouvirmos mais uma vez o audiolivro A Bela Acordada.

Após a audição do audiolivro, fez-se uma roda de conversa para perceber se os alunos alcançaram um nível de leitura decodificadora ou conseguiram uma compreensão mais ampla do texto.

Visando esses objetivos, fez-se perguntas, como por exemplo: qual o nome da personagem principal?; Por que ela recebeu esse nome?; Qual foi o pesadelo que a rainha Esmeralda teve?; Os negros e negras que sobreviveram foram acorrentados nos navios negreiros, por meses até chegar ao Brasil?; Onde seriam forçados a trabalhar em regime de escravidão?; O que você entende por regime de escravidão?; O que é escravidão?; dentre outras.

Todos os alunos participaram, ratificando que a ideia central do livro foi compreendida, bem como, a explicação do preparo da feijoada como sendo um dos trechos que mais chamaram a sua atenção.

Por outro lado, ficou evidente a percepção dos modelos predominantes de príncipes e princesas, a ausência de heróis que os representem, além disso, compreenderam o processo de escravidão como injusto, desumano e inaceitável.

QUINTO ENCONTRO

No penúltimo encontro, propôs-se uma pintura de Pérola Negra em alto-relevo. A atividade foi realizada com entusiasmo. Nesse percurso, chamou-se a atenção, mais uma vez, o incentivo dos colegas de sala mais ágeis – esses sempre cooperam e auxiliam aqueles que sentem mais dificuldade na execução da tarefa.

SEXTO ENCONTRO

Para encerrar-se as atividades propostas, solicitou-se que os alunos continuassem a estória de Pérola Negra, contando o que aconteceu depois que passou a viver no quilombo juntamente com outras famílias e *geraram muitas crianças afrodescendentes*.

Vale ressaltar que a produção escrita foi realizada apenas pelos alunos que já tinha um bom desempenho e domínio da escrita Braile.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização dessa pesquisa, fica evidente que as pessoas com deficiência visual têm a seu dispor vários recursos para que possam ter uma aprendizagem significativa.

No entanto, para que isso ocorra não depende apenas dos recursos didáticos disponibilizados. É indispensável que o professor possua uma formação adequada, tornando-o capaz de (re)conhecer essas ferramentas, para, assim, propor atividades envolventes, criativas que possibilitem as pessoas com deficiência visual desenvolverem suas habilidades de leitura, escrita e compreensão textual. Como fica explícito no artigo 38 da declaração de Salamanca:

Constitui-se num fator chave na promoção de progresso no sentido do estabelecimento de escolas inclusivas. (...) Além disso, a importância do recrutamento de professores que possam servir como modelo para crianças portadoras de deficiências torna-se cada vez mais reconhecida. (UNESCO, 1994)

Também, observamos nos PCNs do ensino fundamental (1996):

“O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos.” (PCN, 1996)

Para isso, é oportuno que o professor não priorize atividades veiculadas aos estímulos visuais, aos quais estamos tão habituados. É indispensável (re)conhecer que as pessoas com deficiência visual possuem particularidades no processo de aprendizagem, tornando-se necessário que na elaboração das atividades, o professor explore a audição, o tato, o paladar e o olfato, visto que são importantes aberturas para a captação de informação da clientela pesquisada. Desse modo, descontrói-se a ideia de que os deficientes visuais possuem uma inteligência limitada e são incapazes de realizar determinadas atividades.

Nesse cenário, torna-se eficaz a dimensão pedagógica do audiolivro no ensino para pessoas com deficiência visual, uma vez que explora a audição, permite a elaboração de tarefas pelo professor que explorem o tato dos alunos, com o intuito de ampliar ideias-chaves presentes no

mesmo. Além disso, ocupa menos espaço nas prateleiras das bibliotecas, sendo também um material fácil de ser transportado e poder ser “lido” pelos alunos independentemente de dominar ou desconhecer o Braille.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

FANTOZZI, Evelyn Thaís. **Inclusão dos alunos com deficiência visual na escola pública: um estudo de caso**. São Paulo, 2009. http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Ciencias_Biologicas/1o_2012/Biblioteca_TCC_Lic/2009/2o_Semestre/Evelyn_Thais_Fantozzi.pdf Acesso em dezembro de 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PALLETÁ, Fátima Aparecida Colombo, *et.al.* **AUDIOLIVRO: inovações tecnológicas, tendências e divulgação**. SNBU – XV Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2625.pdf> Acesso em dezembro de 2012.

MAGALHÃES, Luciane M. **Modelos de educação continuada: os diferentes sentidos da formação reflexiva do professor**. In.: KLEIMAN, Ângela B. (org.). A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.

MENEZES, Nelijane C.; Franklin, Sérgio. **Audiolivro: uma importante contribuição tecnológica para os deficientes visuais**. <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3213/2337> Acesso em Janeiro de 2013.

PERRENOUD, P. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PINHEIRO, Flávio de Brito. BONADIM, Tereza Cristina. **Tecnologias para a Inclusão de Alunos com Deficiência Visual no Ensino a Distância**. http://intervox.nce.ufrj.br/dosvox/textos/ead_flavio_brito.pdf Acesso em dezembro de 2012.

RODRIGUES, Olga Maria Piazzentim Rolim e MARANHE, Elisandra André. **A História da Inclusão Social e Educacional da Pessoa com deficiência**. In: Marcos históricos, conceituais, legais e éticos da educação inclusiva. Bauru: UNESP/FC/MEC, 2010.